

**SOUZA, JOSÉ GILBERTO DE; KATUTA, ÂNGELA MASSUMI.
GEOGRAFIA E CONHECIMENTOS CARTOGRÁFICOS. A
CARTOGRAFIA NO MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DA
GEOGRAFIA BRASILEIRA E A IMPORTÂNCIA DO USO DE
MAPAS. SÃO PAULO: UNESP, 2001.**

Fernando Antonio da Silva¹

¹ *Graduando em Geografia da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Campus Zumbi dos Palmares*

Resenha recebida em 22/12/2010 e aceito em 03/06/2011

RESENHA

A Geografia Brasileira do século passado teve como um de seus marcos o que ficou conhecido como Movimento de Renovação, processo que até os dias atuais tem gerado intensos debates, conduzidos sob diversos enfoques. Desde as décadas que sucederam tal Movimento, não são poucos os escritos acadêmicos na forma de livros, teses e dissertações dedicados a interpretar os efeitos dessa mudança de paradigmas na Geografia elaborada no país. Percorrendo caminhos teóricos bastantes densos a obra de José Gilberto de Souza e Ângela Massumi Katuta se predispõe a discutir a Cartografia no referido processo, tomando como foco empírico de análise a proposta da Coordenadoria de estudos e Normas Pedagógicas – CENP, do Estado de São

Paulo que, por sua vez, está muito associada a este contexto.

A obra é, na verdade, um desdobramento das dissertações de mestrado dos autores realizado na Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus Presidente Prudente, sob a orientação do Prof. Dr. Eliseu Sáverio Sposito, a quem cabe a tarefa de prefaciar o livro.

Para um tratamento coerente da temática, o livro, após o prefácio, está organizado em seis capítulos, a saber: A questão metodológica; A Escola, o Ensino de Geografia ... na busca de um sentido; Cartografia: saber necessário (?); A Formação do Professor; O Debate Geográfico; Ensino de Geografia X mapas – uso necessário ?, na respectiva ordem.

O primeiro capítulo é o começo de uma análise que propõe o uso dos recursos cartográficos nas aulas de Geografia dos ensinos fundamental e médio. Por isso, como o próprio título sugere, demonstra a importância das reflexões teórico-metodológicas no fazer pedagógico do professor para que ele possa evitar uma leitura positivista da realidade, o que não quer dizer necessariamente que ele deva expressar sua opção metodológica com jargões estabelecendo-a como uma profissão de fé, pois, nos dizeres dos autores “as próprias formas de tratamentos das questões, a problematização, as preocupações e o envolvimento concreto, quando apontados, demonstram a trajetória perseguida” (SOUZA e KATUTA, 2001, p.26). Trata-se, na verdade, de se ter clareza quanto à opção teórico-metodológica que norteará seu fazer pedagógico a partir do entendimento da importância que isso constitui, o que passa, inevitavelmente, pela reflexão, pelo debate. No segundo capítulo se materializa uma das discussões mais profundas e interdisciplinares do livro: os papéis e a importância da escola, sobretudo numa sociedade onde a lógica que norteia o modo de produção capitalista adentra todas as esferas da vida. São pontuadas duas concepções antagônicas: a que vê a instituição escolar como simples reprodutora das relações de dominação de

classes, ideia que advém das formulações de Bourdieu e Passeron em *A Reprodução*, e a que a entende como uma das principais possibilidades para o rompimento com a estrutura de classes tal qual está posta, concepção esta que é adotada pelos autores ao colocarem o ensino de Geografia como fundamental.

No capítulo três chega-se num ponto alto das reflexões: a importância da Cartografia na ciência geográfica. Nesse sentido, após construir em base teórica uma definição para Cartografia, o livro deixa explícito que a linguagem cartográfica é um dos nós da Geografia, posto que, permite espacializar os diversos fenômenos analisados nessa ciência. Nesse ponto, a ideia dos autores se assemelha muito as de María Del Carmem em seu livro “Trabalhando Geografia com as Cartas Topográficas” ao assinalar que o conhecimento cartográfico [...] “é indispensável para conhecer e trabalhar o espaço geográfico e nele se movimentar” (2004, p.9). Souza e Katuta pontuam também as pesquisas nesse âmbito desenvolvidas no Brasil que deram contribuições significativas para esse debate.

Discutir-se no capítulo quatro as questões referentes à formação do professor. Nesse sentido, remete-se a importância das universidades que deveriam estabelecer *links* entre os licenciandos e a realidade

escolar procurando, desse modo, unir teoria à prática, pois, via de regra, geram-se debates desconectados das reais condições do professor, a exemplo dos PCNs que, muitas vezes “ditam” metodologias e abordagens pedagógicas despiando o profissional professor de toda autoridade em sala. Ainda nessa parte da obra, são levantadas discussões sobre compromisso político e competência técnica. Nesse aspecto, muito se fala atualmente de professores, principalmente de Geografia, compromissados com as classes “excluídas”, por isso, inúmeras vezes comete-se o erro de transformar as salas de aulas em verdadeiros palanques políticos e os conteúdos são atropelados. Desse modo é preciso competência técnica para trabalhar tais conteúdos e a partir de então contribuir para que os alunos compreendam a realidade que os cerca, pois, ninguém consegue pensar sem nenhuma informação.

O capítulo cinco (O Debate Geográfico) volta-se especificamente a realidade do ensino de Geografia, e conseqüentemente de Cartografia, no Estado de São Paulo baseando-se na proposta da CENP – Coordenadoria de estudos e Normas Pedagógicas. O livro contextualiza a referida proposta, remetendo-a ao Movimento de Renovação da Geografia Brasileira, destacando nela a presença muito latente da dicotomia entre Geografia

física e humana. Destarte, os conteúdos da ciência geográfica privilegiados pela CENP estavam essencialmente voltados à parte humana, o que desencadeou enorme polêmica entre os professores de São Paulo que, de modo geral, se preocupavam com os conteúdos dos vestibulares que tendem a abordar a chamada parte física da Geografia.

O último capítulo aborda de maneira minuciosa a importância do mapa no ensino de Geografia. Assim, após citar uma definição para mapa mais apropriada no tratamento do tema, são destacadas as diversas funções que ele exerce nos dias atuais, ficando explícita a necessidade de seu uso em sala. O mapa é comparado a um texto o qual é preciso muito mais do que decodificá-lo, e sim compreendê-lo a ponto de construir significado através da leitura para que se possa assim apreender os fenômenos geográficos.

Conforme fica evidente quando se caminha por cada um dos capítulos, o objetivo da obra “Geografia e Conhecimentos Cartográficos A Cartografia no Movimento de renovação da Geografia Brasileira e a Importância do uso de Mapas” não é servir como manual didático, mas reafirmar a importância dos saberes cartográficos na medida em que aponta o descaso com a Cartografia no Movimento de Renovação no Estado de São Paulo. Desse modo, as discussões ganham maior

interdisciplinaridade e perpassam pela questão do próprio papel da Escola no bojo de uma sociedade capitalista. Por isso, a abordagem não tem uma dimensão tecnicista como é o caso da obra *A Cartografia* (1990) de Fernand Joly que trata minuciosamente desde as técnicas de elaboração dos mapas até os elementos necessários a sua leitura e interpretação.

A contribuição do livro de José Gilberto de Souza e Ângela Massumi Katuta se faz na

medida em que todos os seis capítulos levantam reflexões bem fundamentadas, se constituindo numa imprescindível ferramenta para o debate acerca da importância dos conhecimentos cartográficos para a Geografia, permitindo olhar o Movimento de Renovação sob um enfoque que raramente é estudado. Assim, deve, sem dúvida, fazer parte do cronograma de leitura do acadêmico que se preocupa com a temática.